

mento diz respeito aos aspectos das práticas identitárias que se referem à uma organização composta de excluídos do trabalho como pobres, imigrantes e refugiados, para os quais a realidade é dura e inclui, por vezes, fugir da polícia enquanto trabalham nos mercados de pulgas. Dessa maneira, a partir de tais “restos” a memória vai se reconstruindo por meio de processos comunicativos que refletem identidades sociais e trajetórias pessoais (CABECINHAS et al, 2006) marcadas por exclusão. Finalmente, observa-se que a identidade dos biffins está em constante reelaboração a partir de suas memórias que incluem o que o entrevistado denomina de um misto de trabalho e luta, recheado por práticas e sentimentos que se expressam na linguagem (CANDAU, 2016).

Palavras-chave: Práticas identitárias; Catadores; Memória.

Memória organizacional e institucional na gestão de cooperativas de reciclagem

Rita de Cássia R.S. Brochier
Universidade La Salle

Conjectura-se que a memória organizacional e a memória institucional possam integrar os processos de gestão de cooperativas de reciclagem (GROSS, 2015). O objetivo deste artigo é apresentar um esboço teórico de como a memória organizacional e a memória institucional podem ser compreendidas a partir dos processos de gestão de cooperativas de reciclagem. Para tal, parte-se da abordagem da memória organizacional que se refere ao armazenamento, à compreensão e ao compartilhamento de informações e de conhecimentos que vivificam os processos organizacionais (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002), da memória institucional entendida como “um jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas” (COSTA, 1997, p.9). Diferentemente de empresas tradicionais, o cooperativismo se embasa em valores e premissas como: compartilhamento de ideias que possam beneficiar o coletivo, solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade (OCB, 2017). Os resultados das interseções teóricas denotam que enquanto a memória organizacional busca compreender, armazenar e compartilhar informações dos processos, por meio dos membros da organização (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002) tal compartilhamento pode ser en-

tendido como uma recriação de práticas sociais cotidianas que, quando ritualizadas, tendem a se cristalizar ao longo do tempo (COSTA, 1997), o qual remete ao papel da memória institucional que é o de buscar a legitimidade do coletivo por meio das práticas discursivas no presente (COSTA, 1997). Quando esses aspectos são pensados para o cooperativismo popular, observa-se que a memória institucional é recriada a partir do momento em que dado coletivo consegue vivenciar um modelo de produção que promove a transformação da realidade social (LEOPOLDINO, 2008) por meio da geração de trabalho e renda de modo autogestionário (SINGER, 2011; BROCHIER, 2015), diante de práticas discursivas solidárias e agregadoras, evidenciadas na participação dos cooperados (BROCHIER, 2015), as quais emergem em um ir e vir entre as memórias organizacional e institucional.

Palavras-chave: Memória institucional; memória organizacional; cooperativas de reciclagem

Memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia na economia solidária

Ana Lerida Pacheco Gutierrez
Maria de Lourdes Borges
Universidade La Salle

Este trabalho propõe uma discussão teórica sobre as relações entre memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia, especialmente pensando-as em um contexto de economia solidária. O referencial teórico baseia-se em Russel (2006), que aborda a memória coletiva antes e depois de Halbwachs, bem como Apfelbaum (2010), que destaca as propriedades sociais da memória. Candau (2011, 2014) aprofunda as relações entre memória e identidade, uma vez que é a memória que a fortalece, de forma que restituir a memória do indivíduo equivale a restituir sua identidade. A etnometodologia (GARFINKEL, 1967; ; LEVINSON, 1983; COLON, 1995; ARMINEM, 2006; BISPO; GODOY, 2012) se mostra coerente com tais abordagens teóricas, pois ela visa entender o que as pessoas realmente fazem, como elas realizam ou não ações, no caso, em suas cooperativas ou coletivos de trabalho e como constituem sua realidade social. Para isso é preciso que o pesquisador observe o que as pessoas estão fazendo, incluindo como percebem as suas ações e as das outras pessoas, como fazem sentido delas; enfim, que olhe as ações

detalhadas realizadas pelas pessoas enquanto constituem o seu dia a dia para entender que métodos usam para construir suas ações e suas vidas nos empreendimentos coletivos da economia solidária. Dentro dessa perspectiva, considerar o nível micro e estudar a vida ordinária das pessoas para entender como elas realizam, criam, fazem e transformam seu cotidiano pode trazer um novo entendimento de como e por que as ações que formam as cooperativas solidárias ocorrem. Por fim, pode-se identificar que o aporte teórico da memória coletiva e das práticas identitárias e o uso da etnometodologia oferecem, cada um a seu turno, um importante meio de aproximação sobre a compreensão dos aspectos multifacetados que envolvem os grupos sociais no contexto de empreendimentos econômicos solidários, a fim de investigar as contradições e mediações encontradas neste campo.

Palavras chave: Memória coletiva; práticas identitárias; etnometodologia; economia solidária

Memória organizacional em uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

José Francisco Ribeiro Lemos, Maria de Lourdes Borges, Rita de Cassia R.S. Brochier
Universidade La Salle

O objetivo deste artigo é o de analisar como a memória organizacional emerge no contexto de uma incubadora de cooperativas populares (ITCP) no período de 2001 a 2016. A ITCP em questão, instalada em uma Universidade Federal do RS, existe desde 2001, mas sua atuação com projetos de pesquisa e extensão iniciou em 2003, acumulados aproximadamente 10 projetos até o ano de 2018. Rowlinson et al. (2010) compreendem que é importante buscar, aprender e entender porque o passado possui relevância para a construção da jornada presente e futura da organização. São seus integrantes que irão construir e nortear a identidade da organização e a sua memória organizacional (MARCHI; BORGES, 2017). Foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de observações, entrevistas e analisados documentos, sendo que uma sistematização dos dados ocorreu por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2010). Os resultados das análises indicam que não houve uma preocupação por parte da organização pesquisada em organizar suas informações, pois existem registros formais que podem contribuir na reconstrução de sua memória orga-

izacional, porém não estão sistematizados e/ou organizados. Além disso, as contribuições de seus integrantes podem ser fontes valiosas, servindo como um norte para esta construção, uma vez que a memória organizacional não deve ser rotulada apenas como um conjunto de informações ou mesmo como um reservatório de saberes que serve apenas para consultas. A organização existe devido às ações colaborativas das pessoas que se comprometeram com metas e processos. Desta maneira o conhecimento dos trabalhadores é decisivo para a cultura e aprendizagens organizacionais (MARCHI, BORGES 2017). Na ITCP em tela, há que se fazer esse trabalho de resgate e sistematização das informações de maneira a tornar a sua memória organizacional viva e com condições de fomentar melhores decisões futuras (WALSH; UNGSON, 1991).

Palavras-chave: Memória Organizacional, economia solidária, ITCP

Pesca artesanal e economia solidária sob a perspectiva dos (des)caminhos das políticas públicas

Juliana Pugliese Christmann, Maria de Lourdes Borges, Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle

O objetivo deste artigo é de apresentar uma aproximação entre a trajetória da pesca artesanal no Brasil e a trajetória da economia solidária do ponto de vista das políticas públicas. As políticas públicas se caracterizam por ações estatais que tentam suprir a participação de grupos que ainda estão vinculados ao signo da exclusão (GOHN, 2011). A pesca artesanal tem sido discutida por Diegues (1999, 2004) que enfatiza que ela não é só mercantil, mas sobretudo identitária marcada pela ideia de associação com a natureza e dependência da mesma. Por sua vez, a economia solidária é estudada como uma alternativa de geração de renda para as pessoas menos favorecidas, dentro de um modelo de autogestão (SENGE, 2003; GAIGER, 2009; GAIGER; FERRARINI; VERONESE, 2015) que pode ser entendido como identitário. Para a realização desta pesquisa, foi realizado um levantamento a partir de dados secundários em sites e artigos e realizada uma análise do conteúdo. Os resultados das análises mostram que a trajetória de ambas as temáticas demonstram similaridades a partir de políticas públicas que envolvem o desenvolvimento de cada cadeia produtiva, acesso a linhas de fomento, programas que